

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A COMÉDIA**  
**PARTE III – O RISO**  
**30 de Dezembro de 2020**

**JOKER / 2019**  
**(Joker)**

*Um filme de Todd Phillips*

Realização: Todd Phillips / Argumento: Todd Phillips e Scott Silver, baseado em personagens criadas por Bob Kane, Bill Finger e Jerry Robinson / Direcção de Fotografia: Lawrence Sher / Design de Produção: Mark Friedberg / Cenários: Laura Ballinger e Kris Moran / Guarda-Roupa: Mark Bridges / Música: Hildur Gudnadóttir / Som: Lucas Pimentel / Montagem: Jeff Groth / Interpretação: Joaquin Phoenix (Arthur Fleck), Robert de Niro (Murray Franklin), Zazie Beetz (Sophie Dumond), Frances Conroy (Penny Fleck), Brett Cullen (Thomas Wayne), Shea Wingham (detective Burke), Bill Camp (detective Garrity), Glenn Fleshler (Randall), Leigh Gill (Gary), Josh Pais (Hoyt Vaughn), Rocco Luna (Gigi Dumond), etc.

Produção: Village Roadshow Pictures, para a Warner Brothers / Produtores: Bradley Cooper, Todd Phillips e Emma Tillinger Koskoff / Cópia: digital, cor, falada em inglês com legendagem em português / Duração: 122 minutos / Estreia em Portugal: 3 de Outubro de 2019.

\*\*\*

Foi um fenómeno que nasceu do encontro entre alguma fome e sobretudo muita vontade de comer, mas talvez a razão de fundo para que os filmes de super-heróis (que já tinham sido tentados, dos Batman dos anos 60 aos Superman e Spidermen dos anos 70 & 80, mas nunca tinham pegado desta maneira) se tenham tornado nos últimos vinte anos o principal sustentáculo do cinema americano de “grande indústria” tenha a ver com razões psicanalíticas: pura e simplesmente, depois de anos e anos a zelar, em livros de quadrinhos e suas emanações, pelo bem estar das grandes metrópoles americanas, nem um só super-herói apareceu em Nova Iorque no dia 11 de Setembro de 2001, e a catástrofe aconteceu na sua total ausência. Se havia fome e vontade de comer, também havia trauma e vontade de catarse – algo, aliás, bastante óbvio logo num dos primeiros “reboots” de **Superman** (o de Bryan Singer, em 2006) do período pós-9/11. Como todos sabemos, tanto apetite deu em indigestão, com a primeira linha do cinema americano a ficar tomada por dúzias, literalmente dúzias, de sequelas e prequelas, variações e repetições, das aventuras dos mesmos super-heróis de sempre.

A surpresa de **Joker** também vem daí. Se se perde a conta aos “jokers” do cinema – do Jack Nicholson no **Batman** de Tim Burton ao Heath Ledger do **Dark Knight** de Christopher Nolan, para nem ir aos mais antigos – ainda mais o espectador actual perdeu a conta aos “Batman films”. Daí que, à partida, uma nova variação sobre figuras saídas do universo dos “comics”, realizada por Todd Phillips (que se destacara pelo não muito destacável **The Hangover**, e respectivas sequelas), não fosse de molde a impressionar ninguém para além dos fiéis de toda a missa dominical de super-heróis. Mas Phillips, de facto, fez, e fez bem, algo que ainda não tinha sido tentado: reinventar a história de Joker a partir dum princípio realista (até socialmente realista), e deixar que essa história, nesses termos socialmente realistas, prevalecesse sobre a cantilena habitual dos filmes de super-heróis (atirando até a história da inimizade com Bruce Wayne, futuro Batman, para uma espécie de quarto dos fundos narrativo, à espera que as inevitáveis sequelas lhe abram a porta). Encontramos assim que algo que não é muito habitual em filmes do género: uma personagem em que não projectamos nenhuma qualidade especial (de certa forma, ser um *homem sem qualidades* é o seu

drama), muito menos sobrenatural, uma espécie de anonimato oprimido igual aos de milhões de outros seres humanos que povoam as grandes metrópoles ocidentais. Deste ponto de vista, **Joker** tem mais a ver com a linhagem das narrativas sobre pequenos homens perdidos na grande cidade (como o **The Crowd**, de King Vidor) do que com a “metafísica” dos super-heróis, e a sua incidência, e o desconforto que ela provoca, tem acima de tudo razões políticas e sociais. Aliás, não faltaram análises “sociológicas” do filme da personagem tal como Joaquin Phoenix a interpreta, e onde se quis ver tudo e o seu contrário – de apologia do “trumpismo” (pelo ressentimento social da personagem) a incitação esquerdista à sublevação (pelo final, sobretudo, da morte do milionário à morte da personagem de Robert de Niro, o “talk show host” que é aqui, *malgré lui*, a grande figura de poder). Quando a esquerda e direita se unem, cada uma por si mas unidas no descontentamento, na aversão a um filme, podemos ter a certeza de que ele está a fazer alguma coisa bem. Claro que, já que estamos nisto, não faltaram outros remques, característicos de um tempo em que se pede a cada filme que seja “todos os filmes”, e que a sua representação do mundo seja “a representação justa” do mundo – e por isso já se tornou um clássico dizer que a representação da doença mental em **Joker** é incorrecta e ofensiva (o último a apanhar este comboio foi David Fincher, que quando abre a boca se torna uma das figuras mais embirantes do actual cinema americano, e que talvez ache que o psicopata de **Seven** seja uma representação “justa” e “não ofensiva” da doença mental).

Evidentemente, esta conjunção entre o caos social da grande cidade e a disfunção psicológica levamos a outra referência, que é, no fundo, o chão que **Joker** pisa (literalmente, se pensarmos naqueles breves, mas tão autênticos, tão “sujos”, planos das ruas de Manhattan): o Scorsese dos anos 70 e 80, o das *mean streets*, o de **Taxi Driver**, o de **King of Comedy**. Estes dois últimos, quase explicitamente, inspirações directas do de Phillips, porque Arthur Fleck é como um primo de Travis Bickle (o *taxi driver*) e de Rupert Popkin, o protagonista do **King of Comedy**, e porque Phillips torna leva tudo isso para o plano da “citação” quando entrega a Robert de Niro (que interpretou ambas essas personagens) o papel de Murray Franklin. É aquela frustração, turvada e delirante, que a personagem de Phoenix partilha, e o seu retrato torna-se mais profundo pela insistência na aspiração “comediante” de Fleck, conferindo ao humor, e em especial ao riso – raramente um homem a rir foi algo de tão incomodativo (como por exemplo na cena em que Phoenix ri, histérica e compulsivamente, depois de ter sido insultado no autocarro), raramente o riso se revelou como a face tremendamente opaca, e *sem qualquer significado* (é apenas distúrbio, “erro de sistema”), de uma alma. Também por isso, e sem ser um filme perfeito em absoluto, **Joker** é o filme perfeito para encerrar este ano de programação em que, de Janeiro a Dezembro, nos ocupámos da comédia e do riso.

Luís Miguel Oliveira